

08 ESPECIAL ENGENHARIA

MINEIRO AIRES PRESIDENTE DA REGIÃO SUL DA ORDEM DOS ENGENHEIROS

'A Ordem dos Engenheiros de Angola está aberta a apoiar os portugueses'

COM A CRISE INSTALADA NO MERCADO INTERNO MUITOS ENGENHEIROS PORTUGUESES ESTÃO A SER OBRIGADOS A EMIGRAR. ANGOLA APRESENTA-SE COMO UM DESTINO AMIGO.

A Ordem dos Engenheiros comemora 75 anos numa altura particularmente difícil para Portugal e para os engenheiros nacionais. Mas nem tudo é negativo e no âmbito das celebrações, a Conferência sob o tema 'A Engenharia Portuguesa ao Serviço de Angola', realizada no passado dia 5 de Julho em Luanda, veio dar nova esperança aos profissionais portugueses, que já têm em Angola um dos seus principais mercados. O presidente da Região Sul da Ordem dos Engenheiros e membro do Conselho Directivo Nacional, Mineiro Aires, diz que a parceria entre os dois países tem tudo para dar certo.

Que balanço faz da Conferência 'A Engenharia Portuguesa ao Serviço de Angola', realizada no passado dia 5 Julho, em Luanda?

O balanço é altamente positivo, basicamente porque foi uma iniciativa que conduziu ao encontro de muitos engenheiros portugueses. Infelizmente, na nossa óptica, a participação angolana não foi aquela que esperávamos, mas,

pela primeira vez, propôs-se um encontro com esta dimensão, em que foi possível congregar os membros das ordens dos engenheiros dos dois países, numa altura em que, como é sabido, o nosso país tem obrigado a que muitos engenheiros procurem outros destinos para o seu mercado de actividade. Neste quadro, a iniciativa e a parceria que foi desenvolvida com a Ordem dos Engenheiros de Angola constituiu, sem dúvida alguma, uma oportunidade para alcançarmos os objectivos que estávamos à espera. Atrevo-me até a dizer que, de certo modo, ultrapassou as expectativas que tínhamos até aqui.

O plano de comemorações da Ordem dos Engenheiros prevê a realização de outras iniciativas?

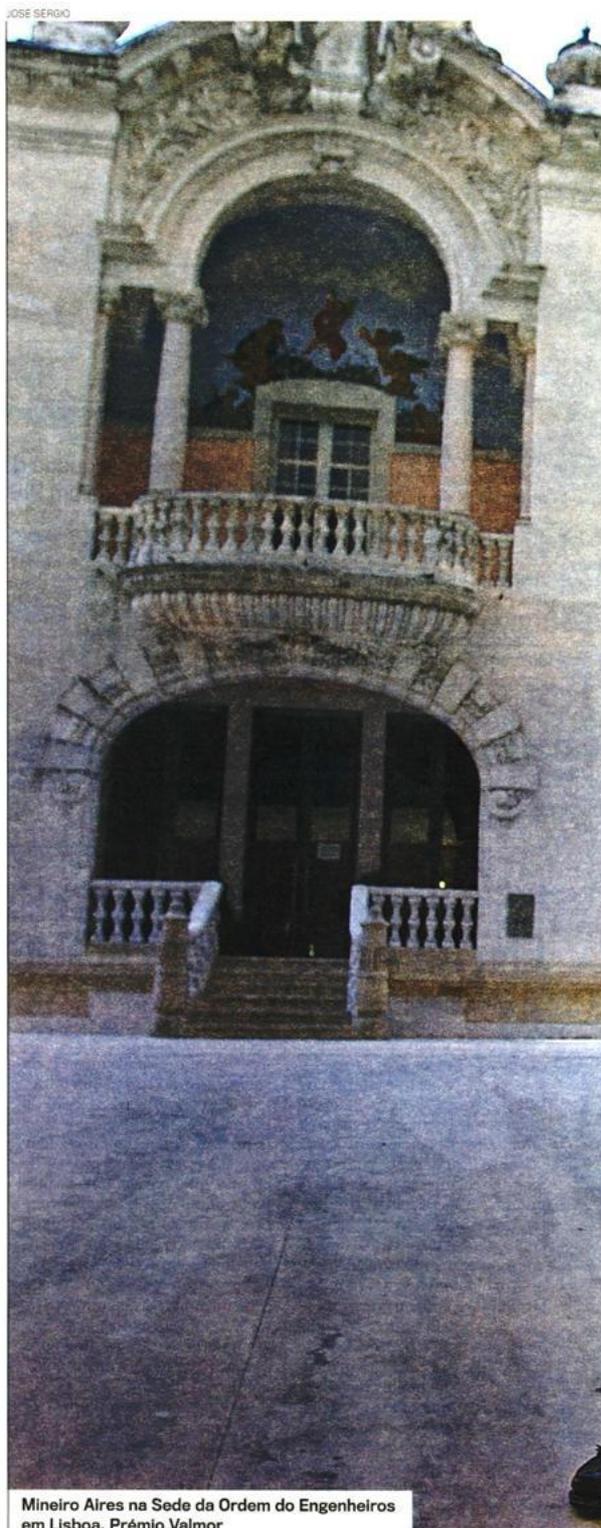
A comemoração dos 75 anos vai durar até Novembro, o que marca o fim da efeméride, culminando com um grande evento, o 19.º Congresso da Ordem dos Engenheiros, que terá lugar nos dias 19 e 20 de Outubro. Antecedendo este, haverá no dia 18 um primeiro congresso de engenharia para

os países da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Para estes eventos, estão também convidadas associações profissionais amigas, com quem temos vindo a estabelecer relações de grande proximidade e de parceria, como é o caso de Espanha, Colômbia, Peru, Brasil e outros países da América do Sul.

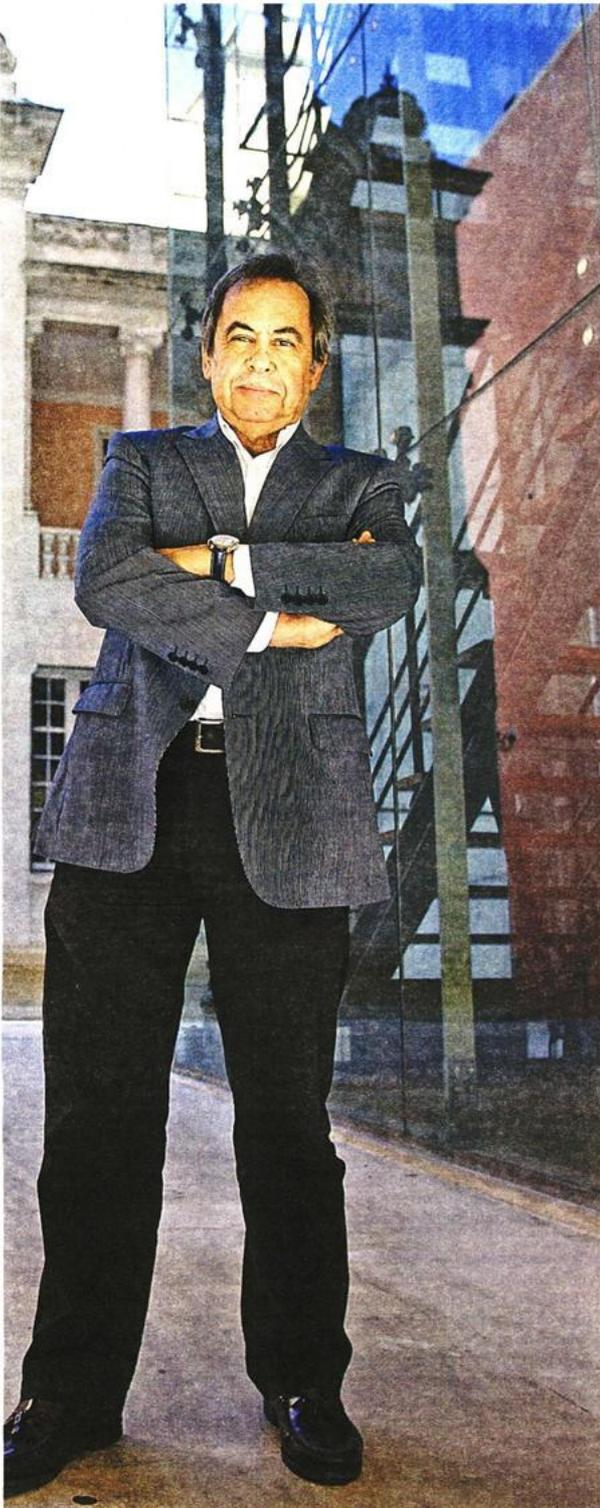
Imagino que a Ordem dos Engenheiros tem vindo a acompanhar a estratégia das empresas portuguesas de referência, sobretudo na actual situação de crise e de contracção gravíssima do mercado interno. A indústria portuguesa da engenharia tem vindo a olhar mais para o exterior à procura de uma fuga?

Nesta matéria a Ordem teve de dar um salto muito positivo e neste momento está a ir ao encontro daquilo que são as necessidades dos seus membros e está, de certo modo, a tentar antecipar-se, em termos de novos mercados, aos destinos que os engenheiros portugueses estão a procurar.

Efectivamente o paradigma mudou completamente. Antigamente a quase totalidade dos en-



Mineiro Aires na Sede da Ordem dos Engenheiros em Lisboa, Prémio Valmor



genheiros portugueses tinha emprego em Portugal, em empresas nacionais. Eram raros os que saíam. Hoje a situação inverteu-se, e mal seria se a Ordem não estivesse atenta a uma situação nova e não procurasse, de alguma forma – embora dentro das limitações que às vezes temos para operar noutros países –, estar e estabelecer linhas de ligação, estabelecer formas de comunicação e, sobretudo, procurar estabelecer os mecanismos de apoio nos países em que os nossos engenheiros se encontram, para que não se sintam sós.

A procura aumentou só do nosso lado ou os mercados externos, como Angola, também passaram a procurar mão-de-obra especializada portuguesa no domínio da engenharia? Isso significa que temos engenheiros de muita qualidade e bem preparados?

Portugal tem, desde há muito tempo, uma engenharia de referência. Não só a nível dos seus engenheiros, que têm um reconhecimento internacional pela sua qualidade e, obviamente, pelas escolas de engenharia que temos no país, mas também pela qualidade que têm as empresas portuguesas.

Portugal tem obras importantes espalhadas por todo o mundo, a engenharia portuguesa tem estado presente em alguns dos maiores acontecimentos a nível de engenharia, hoje até em áreas menos físicas, menos palpáveis, como a da informática. Há empresas portuguesas que estão a fazer muito e muito bem. Todas as noites saem gigas de informação para todo o mundo e muita dela tem origem em empresas nacionais e isso é uma nova forma de fazer engenharia no mundo. Mas sempre com um ponto comum: um reconhecimento internacional muito grande em relação à qualidade da engenharia e da formação dos nossos engenheiros. Isso é um activo que não podemos deixar degradar, e por isso a Ordem tem uma posição muito forte em relação à exigência da qualidade de ensino.

A Ordem tem um livro publicado em que refere que das obras de engenharia portuguesa que marcaram presença no estrangeiro no século passado, 20% a 25% estão em Angola. Esta marca continua presente?

Do que se vê e no que se pode ver, na Angola de hoje há uma grande intervenção de empresas portuguesas e continua a haver uma grande intervenção de engenheiros portugueses no país.

Penso que a história e aquilo que foi a demonstração da capacidade de fazer bem criaram laços fortes e, de certa forma, até, uma admiração que dificilmente poderá levar a que esse sentimento desapareça e venha a deixar de ser exigido em mercados como Angola.

Há toda uma história que nos une, uma experiência. Há todo um entendimento e um falar da mesma língua – e não me refiro ao idioma, mas à língua da engenharia, que é comum –, pelo que é natural que no futuro continuemos a caminhar lado a lado de forma partilhada e de forma justa, com o reconhecimento da competência que Portugal tem neste momento.

As empresas portuguesas encontram no mercado angolano alguma concorrência, sobretudo por parte de empresas de construção e obras públicas brasileiras e chinesas. O que é que as pode distinguir das demais?

Sem menosprezar a qualidade das outras empresas, eu diria que é a qualidade que diferencia as empresas portuguesas, quer ao nível de quadros, quer ao nível técnico, de saber fazer e do produto final que é vendido. Na verdade, as obras portuguesas deixam marca também porque superam os anos, superam o tempo e isso, para quem investe, ter a noção de que pagou o preço justo por uma coisa bem feita e duradoura, é uma grande mais-valia.



Portugal tem, desde há muito tempo, uma engenharia de referência

É natural que no futuro continuemos a caminhar lado a lado de forma partilhada e de forma justa



O ministro português da Economia, Álvaro Santos Pereira, distinguiu em particular duas obras portuguesas em Angola, na conferência em Luanda: o aterro na Baía de Luanda e o novo edifício do Parlamento. Que outras estão a marcar a presença portuguesa em Angola?

Suponho que, quer actualmente, quer num passado muito recente, há obras de referência para além dessas. O ministro da Economia visitou duas obras em curso, o aterro da Baía de Luanda e o novo edifício do Parlamento, mas também as dezenas de arranha-céus em construção são obras de referência, e outras mais recentes já concluídas, como a ponte sobre o rio Kwanza, a Ponte de Catumbela, as estradas e a sua reconstrução. Todas estas infra-estruturas são, sem dúvida alguma, obras fundamentais para o aumento da competitividade do país, são obras que, parecendo banais, são fundamentais para o desenvolvimento da economia angolana. Há todo um histórico de obras e de grandes intervenções, já para não falar no campo da energia, com as barragens, que foram e que vão ser feitas. Há um mar de intervenções e de obras, pelo que se torna difícil isolar uma ou duas.

Vou pedir-lhe, por sector e por especialidade, que indique quais as mais-valias que Portugal tem para oferecer a Angola...

É do conhecimento público que Angola tem um vasto plano para investir em saneamento básico, exactamente porque tem, a esse nível, carencias e debilidades bastante grandes, ou seja em abastecimento de água, em redes e tratamento de esgotos e em recolha e deposição de resíduos sólidos. Estas são componentes fundamentais, em primeiro lugar para a defesa da saúde pública, exigência prioritária em climas como o de Angola, e também para aumentar a competitividade do país, através da melhoria da qualidade de vida. Angola tem nestas áreas muito para fazer.

Portugal pode ajudar?

Portugal pode fazer muito, e recordo que há 30 anos atrás, também estava atrasado a nível europeu, embora de uma forma diferente de Angola, e conseguiu, graças a muito investimento e ao nosso know-how, alterar completamente o panorama no país. Neste momento esses grandes investimentos estão praticamente acabados em Portugal e estava na altura de podermos partilhar com Angola o conhecimento criado, nomeadamente ajudando o país a planear, a >

10 ESPECIAL ENGENHARIA



JOSE SERGIO

> fazer, mas, sobretudo, no sentido de que no futuro haja condições para que as obras sejam bem operadas e mantidas, para que não caiam no abandono, gerando, ao fim e ao cabo, um mau investimento, que não vai obter os resultados esperados.

No domínio dos transportes e das comunicações, continua a existir uma oportunidade para as empresas portuguesas?

Angola tem um problema grave de comunicações, quer nas periferias urbanas, quer nas longas distâncias. É uma questão que Angola terá de enfrentar e pensar, planeando até onde pode ir a rodovia, até onde poderá ir a ferrovia e quais são as soluções melhores para estruturar o país. Há muito a fazer neste campo. Portugal, por seu turno, tem uma grande experiência nesta área e também aqui pode ser um bom parceiro.

A par disso, refiro-me também à energia. Além da construção e do reforço das fontes de energia – basicamente a energia hídrica – recordo que também há outras, como a energia eólica, solar, etc.

–, onde há muito para fazer. Há que ter atenção que Angola necessita de ter uma rede de alta e de média tensão, tem de ter uma rede interligada e que cubra o país, para que possa otimizar a exploração e distribuição de ener-



As nossas escolas formam excelentes engenheiros, as nossas empresas têm uma cotação internacional muito elevada e acima da média



gia. Isso mesmo foi mostrado durante a conferência e faz parte das preocupações do governo angolano. Aí também Portugal pode dar uma ajuda grande a planear, a construir e a gerir.

E na habitação e nas tecnologias de informação?

Sobre o mercado da habitação tenho alguma dificuldade em falar, porque existe muita coisa a ser construída na capital e ao redor de Luanda, bem como em outras cidades. Essa habitação faz parte de uma política do governo angolano e, obviamente, neste aspecto as empresas portuguesas também estão em condições de ajudar a construir, a fazer, bem como a manter, porque a manutenção, se for descuidada, vai dar origem à degradação das construções no futuro.

Quanto às tecnologias de informação, é óbvio que hoje a estruturação de um país tem de se basear muito naquilo que é a modernidade. Portugal deu um notável salto nesta matéria, embora sendo um fenómeno que relativamente recente, mas para o qual os portugueses mostraram uma ape-

tência muito especial para fazer essas abordagens.

As nossas escolas formam excelentes engenheiros, as nossas empresas têm uma cotação internacional muito elevada e acima da média devido ao reconhecimento daquilo que têm feito em pouco tempo e daquilo que conseguem exportar. Em relação a isso seremos certamente um parceiro bem-vindo para ajudar a fazer em Angola, até por que os concorrentes mais directos que possamos enfrentar também têm recorrido, eles próprios, a empresas portuguesas e terão certamente o reconhecimento daquilo que é a capacidade portuguesa nesta área.

Teve oportunidade de conviver com uma série de engenheiros que estão agora a trabalhar em Angola. Que condições de trabalho encontraram no país?

Os engenheiros portugueses que estão expatriados em Angola têm dificuldades de diversa natureza. Antes de mais, enfrentam o desafio de um local novo, desconhecido, onde a vida é muito cara e diferente. O primeiro susto é o das remunerações com que têm de vi-

ver, mas esta é uma questão que acaba por ser ultrapassada, com a habituação a uma nova forma de vida.

Depois há uma segunda questão, que é de enquadramento. Esta Conferência, na linha que já vinha de trás, que é uma linha de grande união e proximidade à Ordem dos Engenheiros de Angola, permitiu reforçar esses laços e reafirmar publicamente que a Ordem dos Engenheiros de Angola está aberta a receber e a apoiar os portugueses e não levanta qualquer tipo de dificuldade, desde que estes profissionais sejam membros da Ordem dos Engenheiros em Portugal.

Por último, há a situação que os portugueses também enfrentam e que tem a ver com o isolamento, o que é próprio da profissão. Alguns queixam-se que estão longe da cidade, longe das famílias. Mas quando se está num país em que o desenvolvimento é tão grande, as carências são ainda enormes, as infra-estruturas nascem por tudo quanto é sítio, o papel do engenheiro é estar nesses locais e ajudar a construir um mundo melhor.